

# Bloody Miracles

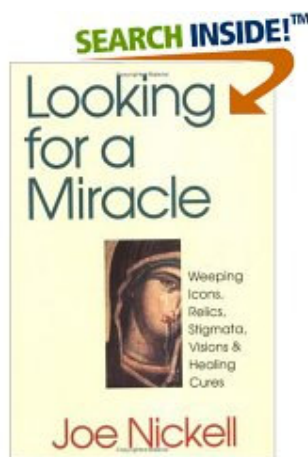


Relíquia sagrada? Não, apenas uma solução coloidal de óxido de ferro(III) hidratado,  $\text{FeO}(\text{OH})$

Segundo Plutarco, «Não acreditarei em tal história, ainda que me seja contada por Catão», era um provérbio romano popularizado durante a vida de Marco Pórcio Catão, o antigo ou o censor, (243 a.C. - 149 a.C.) considerado exemplo de virtuosidade pelos seus pares - Catão que não deve ser confundido com o seu bisneto homónimo, de quem os contemporâneos diziam «A causa vencedora apraz aos Deuses; a vencida a Catão». Isto é, quiçá por influência epicurista, considerava-se há 2200 anos que a implausibilidade de algo invalidava qualquer argumento de autoridade.

Com a demonização do epicurismo, o referido provérbio parece igualmente ter sido demonizado e alastrou pelo antigo império romano o *avidum genus auricularum* apontado por Lucrecio - o facto de a população receber avida e acriticamente tudo o que lisonjeia a superstição e fomenta o espanto - idiosincrasia

abordada por David Hume a propósito dos «milagres». E é de milagres que este post trata, mais concretamente de milagres envolvendo sangue.



De facto, este tipo de «milagres» são bastante comuns, perdurando até hoje na forma de estátuas e imagens que choram sangue. O fenómeno, referido por Joe Nickell, do Committee for Skeptical Inquiry (CSI), no livro «À procura de um milagre», inspirou o episódio da série satírica South Park

que mais acusações de blasfêmia motivou, o episódio Bloody Mary, disponível para download aqui. Existem ainda alguns «relatos» de manifestações análogas em hóstias, encontrando-se um exemplo de uma hóstia sangrenta em Portugal, na igreja de Santo Estêvão em Santarém, referida como a igreja do Santíssimo Milagre.

As relíquias sangrentas mais comuns têm origem na Idade Média, época em que imperava o lucrativo negócio de venda de relíquias, em que abundavam prepúcios, cordões umbilicais, bocados da cruz, pregos da dita e demais *recuerdos* cristológicos para além de um gigantesco mercado de *souvenirs* anatómicos de santos, mártires e afins.

Por exemplo, a igreja do castelo de Wittenberg, onde Lutero - o comércio de relíquias é denunciado no *Traité Des Reliques* - pregou as suas 95 teses tinha... 19013 relíquias (!). Do espólio de Wittenberg constavam vários frascos com leite da Virgem, palha da manjedoura onde a lenda coloca o nascimento de Cristo e mesmo um dos «inocentes» massacrados (sem registo histórico) por Herodes! Para mim, o paradigma do *avidum genus auricularum* manifesta-se na Santa Casa de Loreto venerada ainda hoje como sendo a casa da sagrada família em Nazaré que muitos acreditam piamente ... ter sido transportada por anjos para Itália, algures no século XV!



Entre as mais veneradas relíquias da Igreja Católica Apostólica Romana estão amostras de sangue de santos, existindo apenas em Itália 190 destas relíquias, das quais algumas liquefazem «sobrenaturalmente» por ocasião de cerimónias religiosas.

Luigi Garlaschelli é um químico orgânico da Universidade de Pavia que integra a CICAP, Associação Italiana para o Estudo do Paranormal, e se dedica a estudar do ponto de vista químico estes supostos milagres sangrentos (entre outros fenómenos vendidos como paranormais). Garlaschelli forneceu explicações alternativas perfeitamente naturais para os diversos fenómenos de liquefacção, nomeadamente para os mais famosos «milagres» do género, os de são Lourenço em Amaseno (uma mistura sem pinga de sangue contendo ceras com uma temperatura de fusão de aproximadamente 30 °C) e de San Gennaro ou são Januário (um gel tixotrópico).

Um frasco selado contendo uma substância sólida acastanhada, supostamente o sangue seco de San Gennaro, o patrono de Nápoles, é o protagonista de uma cerimónia solene em

que o «milagre» da liquefacção da dita massa sólida é encenado numa catedral apinhada de fiéis (cerimónia [relatada magistralmente](#) por [Mark Twain](#) no livro *Innocents Abroad*).

A liquefacção [do sangue do santo](#) é uma parte integrante da vida de Nápoles e uma garantia de «boa sorte» para a cidade. O frasco, guardado num cofre na Catedral de Nápoles, é levado em procissão pelas ruas da cidade várias vezes por ano sendo depois conduzido ao altar-mor onde é submetido a rituais específicos. Numa atmosfera rondando a histeria, especialmente por parte das [«tias de San Gennaro»](#), após os hocus pocus e demais rituais necessários à manutenção da lenda, o arcebispo ergue o frasco, agita-o e declara que o sangue se liquefaz. A notícia é saudada com uma salva de 21 tiros em Castel Nuovo.

Como naquelas mensagens em cadeia que todos recebemos, a lenda urbana desenvolvida em torno do «milagre» garante que a cidade será atingida por uma qualquer calamidade, seja uma erupção do Vesúvio ou a derrota do Nápoles, a equipa local de futebol, caso a cerimónia não tenha sucesso (provavelmente causado por um dignitário com uma sacudidela menos vigorosa). De acordo com [algumas testemunhas](#), a última vez que o sangue não se liquefaz aconteceu em 1987, quando Nápoles elegeu um presidente da câmara comunista.

A cerimónia centenária, ou mais concretamente o dito milagre, é alvo de cepticismo também centenário e pelo menos desde o século XVIII que os cientistas tentam demonstrar que a dita liquefacção pode ser explicada sem invocação de milagres (nem de sangue). Em 2005, para grande consternação de muitos, [a astrofísica Margherita Hack, porta voz da CICAP](#), afirmou uns dias antes do milagre programado que «Não há nada místico acerca disto. Vocês podem fazer este apelidado sangue na vossa cozinha».

Hack transmitiu os resultados da investigação de Garlaschelli aos habitantes da *Neapolis* que outra lenda diz ter sido fundada por [Parténope](#), uma das sereias que não conseguiu encantar Ulisses. Isto é, a astrofísica afirmou que o sangue milagroso não passa de um gel à base de ferro que podia perfeitamente [ter sido](#) sintetizado com os materiais e conhecimento disponíveis no século XIV, data em que surgiu pela primeira vez o tal «sangue milagroso», em 1389, mais de um milénio após o martírio do santo.

Ou seja, o frasco, vendido como um dos milagres mais estabelecidos da Igreja, contém muito provavelmente uma mistura tixotrópica. A tixotropia é uma propriedade de algumas substâncias cuja viscosidade baixa (maior fluidez) quando sujeitas a vibração, agitação ou outra forma de perturbação mecânica, solidificando quando deixadas em repouso. Alguns exemplos comuns de géis que

apresentam estas propriedades são alguns tipos de tintas ou mesmo o vulgar ketchup.

Neste caso a substância sólida deve ser um gel contendo  $\text{FeO}(\text{OH})$  - que pode ser sintetizado a partir de sal de cozinha, calcário e um mineral de  $\text{FeCl}_3$  abundante na região - que se assemelha a sangue seco. Aliás, como a própria [Enciclopédia Católica reconhece](#), é pelo menos suspeito que a quase totalidade das relíquias que exibem comportamento análogo sejam veneradas (muitas desde a mesma altura) perto de Nápoles ou tenham origem nesta região.

Estes «bloody miracles» são fáceis de confirmar como fraudes centenárias bastando para isso que a Igreja de Roma ceda as supostas relíquias para análise, algo que me parece muito pouco provável. De facto, a Igreja considera que «as devoções de longa data profundamente enraizadas no coração do povo não podem ser varridas sem escândalo nem distúrbios populares» e como tal afirma não existirem problemas morais «[na continuação de um erro que foi transmitido em boa fé por muitos séculos](#)».

**Referências:**

Garlaschelli, L., Della Sala, S., Ramaccini F.; «Working Bloody Miracles» *Nature*, 353, 507 (1991).  
Epstein, M. and Garlaschelli, L.; «Better Blood Through Chemistry: A Laboratory Replication of a Miracle»; *J. Scientific. Expl.*, 6, 3, 233-246 (1992).  
Garlaschelli, L., Della Sala, S., Ramaccini F.; «A Miracle Diagnosis»; *Chemistry in Britain*, 30, 2, 123-125 (1994).  
Garlaschelli, L., «[Chemistry of 'Supernatural' Substances](#)», *J. Soc. Psyc. Res.*, 62, 852 , 417 (1998).

Fonte: Blog De Rerum Natura

Data: Abril 2007

Autor: Palmira F. da Silva